

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

ANATOLE FRANCE

OS DEUSES TÊM SEDE



«A sua paixão pela liberdade e a sua honestidade intelectual dão uma cor especial aos seus romances.»

George Orwell



cavalo de ferro

Evaristo Gamelin, pintor, discípulo de David, membro da secção da Ponte Nova (anteriormente secção Henrique IV), compareceu de manhã cedo na antiga igreja dos Barnabitas, onde há três anos – desde 21 de Maio de 1790 – funcionava a assembleia geral da secção. Esta igreja ficava numa praça estreita e sombria, próxima do portão do Tribunal. Na fachada, composta de duas ordens clássicas, ornada de mísulas invertidas e vasos chamejantes, mortificada pelo tempo, ofendida pelos homens, os emblemas religiosos tinham sido esmigalhados e haviam escrito em letras negras, por cima da porta, a divisa republicana: «Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte». Evaristo Gamelin subiu a nave; as abóbadas, que ouviram os padres da congregação de S. Paulo, de roquete, cantar os officios divinos, viam agora os patriotas, de gorro frígio, reunidos para eleger os funcionários municipais e deliberar sobre os assuntos da secção. Os santos, retirados dos nichos, estavam substituídos por bustos, o de Bruto, o de João Jaques, e o de Le Peltier. As tábuas dos Direitos do Homem erguiam-se sobre o altar despojado.

Era nessa nave que, duas vezes por semana, das cinco horas às onze horas da noite, se reuniam as assembleias públicas. O púlpito, enfeitado com a bandeira nacional, servia de tribuna para os discursos. Defronte, do lado da Epístola, levantava-se um estrado de carpintaria grosseira, destinado às mulheres e crianças, que costumavam apresentar-se em grande número.

Nessa manhã, ao pé do púlpito e diante duma secretária, estava sentado — de barrete frígio e carmanhola — o marceneiro da Praça de Thionville, cidadão Dupont Sénior, um dos doze da Comissão de Vigilância. Sobre a secretária via-se uma garrafa e copos, um tinteiro e um caderno de papel com o texto do requerimento que pedia à Convenção que banisse do seu seio os vinte e dois membros indignos.

Evaristo Gamelin pegou na pena e assinou.

— Bem sabia — disse o magistrado artífice —, que tu virias dar o teu nome, cidadão Gamelin. És um puro. Mas a secção não é zelosa; falta-lhe virtude. Propus à Comissão de Vigilância que não passasse atestados de civismo a quem não assinar a petição.

— Estou pronto a assinar com o meu sangue — declarou Gamelin — a proscricção dos traidores federalistas. Quiseram a morte de Marat. Que morram.

— O que nos perde — replicou Dupond Sénior — é o indiferentismo. Numa secção que abrange novecentos cidadãos com direito de voto não há cinquenta que venham à assembleia. Ontem éramos vinte e oito.

— Pois então — volveu Gamelin —, deve-se obrigar os cidadãos a comparecer, sob pena de multa.

O marceneiro franziu o sobrolho.

— Ora, ora... Se viessem todos, os patriotas ficavam em minoria. Cidadão Gamelin, queres beber um copo de vinho à saúde dos republicanos?

Na parede da igreja, do lado do Evangelho, liam-se estas informações, acompanhadas de um desenho, a mão negra, cujo indicador apontava o caminho do claustro: Comissão Civil, Comissão de Vigilância, Comissão de Beneficência. Uns passos adiante, era a porta da antiga sacristia, com esta inscrição sobreposta: Comissão Militar. Gamelin empurrou-a e deu de cara com o secretário, que escrevia numa enorme mesa atulhada

de papéis, de lingotes de aço, cartuchos e amostras de terras salitrosas.

– Viva, cidadão Trubert – disse ele. – Como vais?

– Eu? Às mil maravilhas.

O secretário da Comissão Militar, Fortunato Trubert, dava invariavelmente esta resposta aos que se inquietavam com a sua saúde, menos para os instruir do seu estado do que para cortar cerce qualquer conversa sobre o assunto. Com vinte e oito anos, tinha a pele seca, os cabelos ralos, as maçãs do rosto salientes e as costas abauladas. Oculista, fora proprietário de uma loja antiga no cais des Orfevres, a qual, em 1791, cedera a um velho empregado, para se dedicar às suas funções municipais. Aqueles belos olhos meigos e apaixonados, a palidez, o ar tímido, tudo isso herdara da mãe, linda mulher falecida aos vinte anos e de quem alguns velhos do bairro conservavam grata lembrança. Do pai, fabricante de aparelhos ópticos, fornecedor do rei – arrebatado pela mesma doença aos trinta anos –, recebera esse seu espírito de justiça e aplicação.

Sem parar de escrever, perguntou:

– E tu como vais, cidadão?

– Bem. Que há de novo?

– Nada, nada. Como vês, reina aqui a tranquilidade.

– E a situação?

– A situação é sempre a mesma.

Na verdade, era pavorosa. O melhor exército da República cercado em Mogúncia. Valenciennes assediada. Fontenay tomada pelos da Vendaia. Lião revoltada. As Cevenas insurrectas, a fronteira aberta aos Espanhóis, dois terços dos departamentos invadidos ou sublevados, Paris, sob as canhões austríacos, sem dinheiro nem pão.

Fortunato Trubert escrevia sossegadamente. Como as secções tinham sido encarregadas por decreto da Comuna de recrutar

doze mil soldados para a Vendaia, ele redigia as instruções destinadas a alistar e armar os homens do contingente que havia de ser fornecido pela Ponte Nova, antiga Henrique IV. Todos os mancebos deviam receber espingardas e munições. A guarda nacional da secção seria armada de escopetas e lanças.

– Trago-te – participou Gamelin – a lista dos sinos que hão-de ser enviados ao Luxemburgo para a sua conversão em canhões.

Evaristo Gamelin, embora não possuísse nada de seu, estava inscrito entre os membros activos da secção: a lei só concedia esta prerrogativa aos cidadãos suficientemente ricos para pagarem contribuição equivalente a três dias de trabalho, e, para que o eleitor fosse elegível, exigia o correspondente a dez dias. Mas a secção da Ponte Nova, partidária da igualdade e ciosa da sua autonomia, considerava eleitor e elegível qualquer cidadão que pagasse do seu bolso o uniforme de guarda nacional. Tal era o caso de Gamelin, membro activo da secção e da Comissão Militar.

Fortunato Truber depôs a pena.

– Cidadão Evaristo, vai, pois, à Convenção pedir que nos mandem instruções para pesquisar o solo dos subterrâneos, lixiviar a terra e as pedras e recolher o salitre. Não basta ter canhões, precisa-se também de pólvora.

Na sacristia entrou um corcunda, de pena atrás da orelha e papéis na mão. Tratava-se do cidadão Beauvisage, da Comissão de Vigilância.

– Cidadãos – disse ele –, recebemos más notícias. Custine evacuou Landau.

– Custine é um traidor! – bradou Gamelin.

Ao que Beauvisage redarguiu:

– Será guilhotinado.

Trubert exprimiou-se com a sua calma habitual, naquela voz um pouco ofegante:

— A Convenção não criou uma Comissão de Salvação Pública para ficar inactiva. O procedimento de Custine vai ser examinado. Incapaz ou traidor, ver-se-á substituído por um general resolvido a vencer. E *ça ira!*

Folheou os papéis e percorreu-os com um olhar fatigado.

— Para que os nossos soldados cumpram o seu dever sem preocupações nem desânimos, convém que saibam estar garantida a sorte dos que deixaram no lar. Se fores da minha opinião, cidadão Gamelin, requererás comigo, na próxima assembleia, que a Comissão de Beneficência combine com a Comissão Militar o socorro às famílias indigentes que tenham alguém no exército. — Sorriu e cantarolou: — *Ça ira, ça ira!*

Trabalhando doze a catorze horas por dia, sentado à mesa de pinho, em defesa da pátria em perigo, este humilde secretário de uma comissão local não via desproporção entre a enormidade da tarefa e a pequenez dos recursos, tanto se sentia unido num esforço comum com os seus compatriotas, tanto se consubstanciava com a nação, tanto a sua vida se confundia com a vida de um grande povo. Era desses que, entusiastas e pacientes, depois de cada derrota preparam o triunfo impossível. Por isso necessitavam de vencer. Aqueles homens ordinários que haviam destruído a realeza, derrubado o velho mundo, aquele Trubert, oculista modesto, aquele Evaristo Gamelin, pintor obscuro, não esperavam clemência dos seus inimigos. Só podiam escolher entre a vitória e a morte. Daí o seu ardor e a sua serenidade.

II

Ao sair dos Barnabitas, Evaristo Gamelin encaminhou-se para a Praça Delfina, crismada de Praça de Thionville em honra de uma cidade inexpugnável.

Situada no bairro mais frequentado de Paris, esta praça perdera há mais de um século a sua bela disposição: nos palácios construídos nas três faces, em tempo de Henrique IV, todos de tijolos rubros com linhas de pedra branca e destinados a magistrados notáveis, tinham trocado os nobres telhados de ardósia por dois ou três andares miseráveis, de estuque, ou então haviam-nos arrasado por completo e substituído sem pejo por casas mal caiadas, que mostravam apenas fachadas irregulares, pobres, sujas, com janelas desiguais, estreitas, numerosas, enfeitadas de vasos de flores, gaiolas de pássaros e roupa a enxugar. Aí se abrigava uma porção de artífices, ourives, cinzeladores, relojoeiros, oculistas, tipógrafos, fanqueiros, modistas, lavadeiras e alguns velhos empregados do Tribunal poupados à tormenta que arrasara a justiça régia.

Era de manhã, e manhã de Primavera. Finos raios solares, inebriantes como vinho doce, brincavam nas paredes e introduziam-se alegremente nas águas-furtadas. As janelas tinham os caixilhos de correr erguidos e nelas se via a cabeça desgrenhada desta ou daquela inquilina. O escrivão do Tribunal Revolucionário, que saía de casa para se dirigir às suas funções, acariciava de passagem as faces dos pequenitos que brincavam debaixo das árvores.

Ouvia-se clamar, na Ponte Nova, contra a traição do infame Dumouriez.

Evaristo Gamelin morava para as bandas do Cais de l'Horloge, numa casa que datava de Henrique IV e que ainda fazia muito boa figura se não fosse um sótão coberto de telhas que lhe haviam acrescentado no tempo do penúltimo tirano. Para adaptar os aposentos de um ou outro antigo parlamentar às conveniências das famílias burguesas e operárias que ali residiam, tinham multiplicado os tabiques e os desvãos. Era assim que o cidadão Remacle, porteiro e alfaiate, habitava numa sobreloja bastante abreviada, tanto de pé-direito como de largura; viam-no através da porta envidraçada, acorçado no banco e com a nuca no forro do tecto, a coser uma farda de guarda nacional, enquanto a cidadã Remacle, cujo fogão só possuía tiragem pela escada, envenenava os locatários com o fumo dos seus guisados e frituras; no limiar da porta, a filha, a pequena Josefina, lambuzada de melaço e bela como a aurora, divertia-se com o cão do marceneiro, chamado *Borrego*. A cidadã Remacle, abundante de peito e quadris, assim como de coração, passava por conceder os seus favores ao vizinho Dupont Sénior, um dos doze da Comissão de Vigilância. Pelo menos, o marido assim supunha, o que levava os esposos Remacles a encherem o prédio com o fragor alternado das suas disputas e das suas reconciliações. Os andares superiores eram ocupados pelo cidadão Chaperon, ourives que tinha a sua loja no Cais de l'Horloge, por um oficial da Saúde, por um homem de leis, um bate-folha e diversos empregados do Tribunal.

Gamelin subiu a escada vetusta até ao quarto e último andar, onde ficava a sua oficina e o quarto da mãe. Aí acabavam os degraus de madeira guarnecidos de ladrilhos, que sucediam aos de pedra dos primeiros pisos. Um escadote aplicado à parede dava acesso ao sótão: nesse momento vinha a descê-lo um homem

gordo e já idoso, de semblante róseo e risonho; transportava com dificuldade um pacote enorme e, apesar disso, cantarolava *Perdi o Meu Servidor*.

Suspendendo a cantiga, desejou cortêsmente bom dia a Gamelin, que o saudou de modo fraternal e o ajudou a segurar o embrulho, amabilidade que o velho agradeceu.

– Trago aqui – disse este, retomando o volume – polichinelos que vou já entregar a um negociante de brinquedos da Rua de la Loi. É um sortimento completo: são as minhas criaturas, de mim receberam o corpo precívél, isento de alegrias ou sofrimentos. Não lhes concedi espírito, porque sou um deus bom.

Era o cidadão Maurício Brotteaux, antigo arrematante de rendas, ex-nobre. O pai, que enriquecera, comprara um cargo que lhe conferia nobreza. Nos bons tempos, Maurício Brotteaux intitulara-se senhor des Ilettes e oferecia, no seu palacete da Rua de la Chaise, ceias primorosas que a bela senhora de Rochemaure, esposa dum advogado, iluminava com os seus olhos; mulher perfeita, cuja fidelidade admirável só se desmentiu quando a Revolução retirou a Maurício Brotteaux des Ilettes os seus cargos, rendimentos, palacete, terras e nome. A Revolução tirara-lhe tudo isso, e ele ganhara a vida a pintar retratos às portas, a fazer filhós e sonhos no Cais de la Megisserie, a compor discursos para os representantes do povo e a dar lições de dança às cidadãs juvenis. Agora, no seu sótão, a que se ascendia pelo escadote e onde não era fácil permanecer de pé, Maurício Brotteaux, fornecido de um frasco de cola, novelo de guita, caixa de aguarelas e umas aparas de papel, fabricava bonecos articulados que vendia aos lojistas de brinquedos, os quais os revendiam aos bufarinheiros, que os exibiam pelos Campos Elísios, na ponta de uma cana, brilhantes objectos cobiçados pelas crianças. No meio das perturbações políticas e do infortúnio que o acabrunhava, mantinha

a alma serena, lendo Lucrecio para se distrair, livrinho que ele trazia sempre na algibeira escancarada da sobrecasaca.

Evaristo empurrou a porta do aposento, que se abriu logo. A pobreza em que vivia dispensava-o das fechaduras e, quando a mãe, por hábito, corria o trinco, ele perguntava «Para quê? Ninguém furta teias de aranha, e muito menos as minhas.» Na oficina de pintura acumulavam-se, sob uma camada espessa de pó e voltadas para a parede, as suas telas de estreante, da época em que esboçava, consoante a moda, cenas galantes, e, com pincel fino e tímido, retocava pássaros a voar e aljavas vazias, jogos perigosos e sonhos de felicidade, guardadoras de patos e rosas no seio das pastoras.

Ora esta maneira não convinha ao seu temperamento. Tais cenas, friamente tratadas, atestavam a castidade irremediável do pintor. Os amadores não se haviam enganado e Gamelin nunca fora considerado artista erótico. Ao presente, embora não tivesse atingido ainda os trinta anos, aqueles assuntos pareciam-lhe remontar a um tempo imemorial. Reconhecia aí a depravação monárquica e o efeito vergonhoso da corrupção da corte. Acusava-se de haver caído nesse género desprezível e mostrado um feitio envilecido pela escravidão. Agora, cidadão de um povo livre, riscava a carvão, com traço vigoroso, Liberdades, Direitos do Homem, Constituições francesas, Virtudes republicanas, Hércules populares a prostrar a Hidra da Tirania, e punha em todas essas composições o ardor do seu patriotismo. Infelizmente, não conseguia ganhar a vida. Os tempos corriam maus para os artistas. Sem dúvida que a culpa não era da Convenção, que lançava por toda a parte exércitos contra os reis; que, orgulhosa, impassível, decidida perante a Europa conjurada, pérfida e cruel consigo mesma, se despedaçava com as próprias mãos; que inscrevia o terror na ordem do dia, instituindo para castigar os conspiradores um tribunal impiedoso, ao

qual não tardaria a entregar os próprios membros, e que, ao mesmo tempo, calma, reflexiva, amiga da ciência e da beleza, reformava o calendário, criava escolas superiores, decretava concursos de pintura e escultura, fundava prémios para animar os artistas, organizava exposições anuais, abria o Museu e, a exemplo de Atenas e Roma, imprimia carácter sublime à celebração das festas e lutos públicos. Mas a arte francesa, outrora tão espalhada na Inglaterra, Alemanha, Rússia, Polónia, já não tinha venda no estrangeiro. Os amadores de pintura, os curiosos de arte, grandes senhores e financeiros, estavam arruinados, haviam emigrado ou escondiam-se. A gente que a Revolução enriquecera, camponeses que adquiriram bens nacionais, agiotas, fornecedores do Exército, pagadores do Palais Royal não se atreviam ainda a mostrar a sua opulência, e, aliás, não se interessavam por pintura. Para se vender um quadro precisava-se de ter a reputação de um Regnault ou a habilidade do adolescente Gerard. Greuze, Fragonard, Houin estavam reduzidos à miséria. Prud'hon alimentava dificilmente a mulher e os filhos desenhando coisas que o gravador Copia reproduzia pelo processo do ponteadado. Hennequin, Wicar, Topino-Lebrun, pintores patriotas, padeciam de fome. Gamelin, incapaz de arcar com as despesas de um quadro (não podia pagar ao modelo nem comprar tintas), deixara só esboçada a sua larga tela do *Tirano Perseguido nos Infernos pelas Fúrias*. Ocupava metade da oficina e apresentava figuras inacabadas e terríveis, maiores do que o tamanho natural, e uma quantidade de serpentes que dardejavam línguas agudas e recurvas. Distinguia-se no primeiro plano, à esquerda, um Caronte magro e feroz na sua barca, trecho forte e de bom estilo, mas que denunciava escola. Havia mais génio e maior naturalidade numa tela de menores dimensões, também por acabar, que estava pendurada no lugar mais bem iluminado da oficina: era um Orestes, que a irmã Electra soerguia no seu

leito de dor. Via-se a rapariga afastar com gesto comovente os cabelos emaranhados que cobriam os olhos do irmão. A cabeça de Orestes tinha um ar trágico e belo e dava certas semelhanças com o rosto do pintor.

Muitas vezes, com olhar triste, Gamelin contemplava aquela composição. Não era raro estender os braços trémulos, desejoso de pintar, para a figura liberalmente esboçada de Electra, e deixá-los depois recaírem, impotentes. A alma do artista enchia-se de entusiasmo, orientada para grandes empreendimentos. Devia, porém, esgotar-se em obras de encomenda, que ele executava de maneira medíocre, pois necessitava de contentar o gosto das pessoas vulgares, e, além disso, não sabia imprimir carácter grandioso aos assuntos menores. Desenhava pequenas composições alegóricas que o seu camarada Desmahis gravava com perícia a preto e a cores e que um mercador de estampas da Rua Honoré, o cidadão Blaise, adquiria por baixo preço. O comércio das estampas ia de mal a pior, dizia Blaise, que ultimamente já não queria comprar nada.

Contudo, naquela ocasião, porque a penúria o tornava engenhoso, Gamelin concebeu uma invenção feliz e nova (pelo menos assim o julgava), que devia trazer riqueza ao mercador de estampas, ao gravador, e a ele próprio: um jogo de cartas patriótico, no qual os reis, damas e valetes do antigo regime seriam substituídos por Génios, Liberdades e Igualdades. Delineou as figuras, terminou algumas e resolveu levar a Desmahis as que se encontravam aptas a serem gravadas. A que lhe parecia mais bem realizada representava um voluntário de tricórnio, casaca azul com enfeites encarnados e calças amarelas com polainas pretas; estava sentado sobre um tambor e tinha os pés numa pilha de balas e a espingarda entre as pernas. Era o «cidadão de copas», substituto do valete do mesmo naipe. Havia já seis meses que Evaristo desenhava voluntários, e fazia-o sempre com

amor. Vendera alguns, naqueles dias eufóricos. Das paredes da oficina pendiam outros. Cinco ou seis, a aguarela, a guache, a lápis, espalhavam-se por cima da mesa e nas cadeiras. No mês de Julho de 92, quando se levantavam em todas as praças de Paris estrados para o alistamento, quando em todos os botequins, ornados de verdura, ecoavam os gritos de «Viva a Nação! Viver livre ou morrer!», Gamelin não podia passar na Ponte Nova ou defronte da Câmara sem que o coração lhe pulasse para a tenda embandeirada em que os magistrados, de faixa a tiracolo, inscreviam os voluntários ao som da Marselhesa. Mas ao reunir-se à tropa, Evaristo deixara a mãe em apuros.

Precedido pelo ruído da sua respiração penosa, a cidadã viúva Gamelin entrou na oficina, a transpirar, vermelha e palpitante, com o laço das cores nacionais negligentemente posto na touca e prestes a cair. Poisou o cabaz numa cadeira e, direita e de pé, a fim de aspirar melhor, lastimou-se da carestia dos mantimentos.

Cutileira na Rua de Grenelle-Saint-Germain, sob a tabuleta de Cidade de Chatellerault, enquanto o marido foi vivo, e agora pobre dona de casa, a viúva Gamelin vivia, aposentada do ofício, na residência do filho pintor. Era o mais velho dos dois que tivera. Quanto à filha Júlia, ainda há pouco empregada num estabelecimento de modas da Rua Honoré, mais valia desconhecer o seu destino, pois não convinha dizer que emigrara com um aristocrata.

– Meu Deus! – exclamou ela, suspirando e exibindo um pedaço de pão duro e negro. – Isto está pela hora da morte. E ainda, ao menos, se fosse de trigo! Não se encontra nada à venda, nem ovos, nem hortaliças, nem queijo.

Depois de um silêncio demorado, recomeçou:

– Vi na rua mulheres que não tinham com que matar a fome aos filhos pequenos. Vai por aí grande miséria para os pobres. E há-de continuar assim enquanto as coisas se não compuserem.

Enrugando a testa, Evaristo replicou:

– Mãe, a escassez de que sofremos deve-se aos açambarcadores e agiotas que esfaimam o povo e se entendem com os inimigos do exterior para tornar a República odiosa aos Cidadãos e destruir a liberdade. Veja em que acabam as conspirações dos Brissozinhos, as traições dos Pétions e dos Rolands! E estamos com sorte se os federalistas armados não vierem chacinar, em Paris, os patriotas que a fome ainda não tiver aniquilado. Não há tempo a perder. É preciso tabelar a farinha e guilhotinar quem fizer especulação com o alimento do povo, ou fomente as insurreições, ou pactue com o estrangeiro. A Convenção acaba de instituir um tribunal extraordinário para julgar os conspiradores. Compõe-se de patriotas; mas os seus membros terão energia suficiente para defender a pátria contra todos os inimigos? Confie-mos em Robespierre, que é virtuoso. Confie-mos, sobretudo, em Marat. Esse estima o povo, compreende os seus verdadeiros interesses e sabe servi-los. Foi sempre o primeiro a desmascarar os pérfidos e a descobrir as conjuras. É incorruptível e não tem medo. Sozinho, será capaz de salvar a República em perigo.

A cidadã Gamelin, abanando a cabeça, fez cair da touca o laço mal seguro.

– Deixa lá, Evaristo. O teu Marat é um homem como os outros; não vale mais do que eles. És novo, tens ilusões. O que dizes hoje de Marat já o disseste de Mirabeau, de La Fayette, de Pétion, de Brissot.

– Nunca! – retorquiu o filho, sinceramente esquecido.

Depois de afastar do canto da mesa os papéis, livros, pincéis e lápis que a atravancavam, a cidadã colocou aí a terrina de faiança, duas colheres de estanho, dois garfos de ferro o bocado de pão e uma garrafa de água-pé.

Mãe e filho tomaram a sopa em silêncio e terminaram o jantar com um naco de toucinho. A mãe, que pusera a sua parte numa

fatia de pão, levava gravemente os pedacinhos à boca desdentada, com o canivete de bolso, e mastigava com respeito aqueles alimentos que tinham custado tanto dinheiro.

Deixara, todavia, o melhor ao filho, que permanecia sonhador e distraído.

— Come, Evaristo — recomendava ela de vez em quando. — Come.

E esta palavra, nos seus lábios, assumia a gravidade de um preceito religioso.

Voltou às suas lamentações quanto à carestia dos géneros. Gamelin propôs de novo o tabelamento como único remédio para o mal.

— Já não há dinheiro — continuou a mãe. — Os emigrados levaram-no todo. E já não há confiança. É caso para se desesperar!

— Cale-se, mãe, cale-se! — exclamou Evaristo. — Que importam as nossas privações, os nossos sofrimentos de um instante! A Revolução fará, pelos séculos dos séculos, a felicidade do género humano.

A bondosa senhora molhou o pão no vinho, o espírito clareou-se-lhe, e ela pensou, sorrindo, no tempo da sua juventude, quando dançava ao ar livre no aniversário do rei. Recordou-se também do dia em que José Gamelin, cutileiro de profissão, a havia pedido em casamento. Descreveu por miúdos como as coisas se passaram. Dissera-lhe a mãe: «Veste-te. Vamos à Praça de Grève, à loja do ourives senhor Bienassis, ver esquartejar Damiens.» Tiveram grande dificuldade em abrir caminho através da turba de curiosos. Na loja do senhor Bienassis a rapariga encontrara José Gamelin, vestido com a sua bela casaca de tom róseo, e ela compreendera logo de que é que se tratava. Enquanto estivera à janela, a ver torturar o regicida, que, depois de banhado de chumbo derretido, fora puxado por quatro cavalos, cada um para seu lado, e conduzido à fogueira, José Gamelin,

atrás da rapariga, de pé, nunca deixara de lhe fazer elogios à cor da pele, ao cabelo, à cintura.

Esvaziou o copo e prosseguiu na evocação da sua vida.

– Dei-te à luz, Evaristo, mais cedo do que esperava, por causa de um susto que apanhei, estando grávida, na Ponte Nova, onde quase me derrubavam uns curiosos que iam a correr para a execução do senhor de Lally. Eras tão pequenino, quando nasceste, que o médico julgou não arribasses. Eu, porém, sabia que Deus me dava o gosto de te conservar. Criei-te o melhor que pude, sem poupar cuidados nem despesas. É justo que se diga, Evaristo, que me tens testemunhado gratidão, e que, desde a infância, procuras recompensar-me consoante as tuas posses. Eras de teu natural afectuoso e meigo. Tua irmã não tinha mau coração, mas sempre foi egoísta e violenta. Tu condoías-te dos infelizes muito mais do que ela... Quando os garotos do bairro descobriam ninhos nas árvores, esforçavas-te por lhes tirar das mãos os passarinhos, para os restituíres à mãe, e muitas vezes só desistias depois de espezzinhado e espancado. Com a idade de sete anos, em lugar de te envolveres em desordem com os outros, ias tranquilamente pela rua a recitar o catecismo; e todos os pobres que encontravas, sempre os trazias a casa para os socorrer, tanto que me vi na obrigação de te bater para te tirar esse hábito. Não podias ver ninguém com dores que não derramasses lágrimas. Cresceste e tornaste-te bonito. E admirei-me de que fosses inconsciente desse facto, ao contrário dos rapazolas bem-parecidos que se fazem presunçosos.

Não mentia a velha Gamelin. Evaristo apresentava aos vinte anos uma fisionomia grave e encantadora, beleza ao mesmo tempo austera e feminina, verdadeiras feições de Minerva. Agora os olhos sombrios e as faces pálidas exprimiam uma alma triste e impetuosa. Contudo, o olhar, quando se voltou para a mãe, retomou por instantes a doçura da primeira mocidade.

Continuou:

– Poderias ter-te aproveitado destas vantagens para andar atrás das raparigas; mas preferias ficar junto de mim, na loja, e até me acontecia dizer que saíesses de baixo das minhas saias e fosses espairecer com os companheiros. Far-te-ei esta justiça até ao último momento. Evaristo, és um bom filho. Depois da morte de teu pai, tomaste-me corajosamente à tua conta; embora não dispusesse de meios, nunca deixaste que me faltasse o necessário e, se estamos agora ambos na penúria, não posso censurar-te por isso: a culpa é da Revolução.

Evaristo esboçou um gesto de protesto. Ela, porém, encolheu os ombros e prosseguiu:

– Não sou nenhuma aristocrata. Conheci os grandes, quando eram poderosos, e posso dizer que abusavam dos seus privilégios. Vi os lacaios do duque de Canailles darem bengaladas em teu pai porque ele se não perfilou imediatamente à passagem do senhor. Não gostava da austríaca; achava-a orgulhosa, creio que fazia muitas despesas. Quanto ao rei, julguei-o bom, e foi preciso o seu processo e condenação para que eu mudasse de ideias. Enfim, não tenho saudades do antigo regime, apesar de nele ter vivido horas agradáveis. Mas não me venhas dizer que a Revolução há-de estabelecer a igualdade, pois os homens nunca serão iguais; não é possível, nem que virem o país de fundo para o ar: existirão sempre grandes e pequenos, gordos e magros.

Enquanto discorria, punha a loiça em ordem. O filho já não a escutava. Entretinha-se a delinear o vulto de um republicano que, no seu novo baralho de cartas, devesse substituir (de barrete frígio e carmanhola) o valete de espadas condenado.

Arranharam à porta e apareceu uma camponesa moça, mais larga que alta, ruiva, cambaia, com um lobinho a tapar-lhe o olho esquerdo; o outro era de um azul tão pálido que parecia branco. Tinha lábios grossos e os dentes saídos.

Perguntou a Gamelin se era ele o pintor e se lhe poderia fazer o retrato do noivo, Júlio Ferrand, voluntário do exército das Ardenas.

Gamelin replicou que faria com muito gosto esse retrato, quando o bravo soldado regressasse.

A rapariga pediu então, com insistência calma, que o trabalho se realizasse já.

Sorrindo contra vontade, o pintor objectou que não era fácil, sem o modelo, satisfazer esse desejo.

A pobre criatura emudeceu: não previra aquela dificuldade. Com a cabeça pendida à banda e as mãos cruzadas na barriga, ficou inerte e silenciosa, como se acabrunhada de desgosto. Sensibilizado e divertido com tanta simplicidade, o pintor, para a distrair, meteu-lhe na mão um dos voluntários que ele aguaralara e perguntou se era assim o seu noivo das Ardenas.

A rapariga aplicou ao papel um olhar triste, que lentamente se animou, brilhando e resplandecendo por fim. A face larga desabrochou num sorriso radioso.

— É exactamente — declarou. — É Júlio Ferrand, é o meu noivo escarrado.

Antes que o pintor pensasse em tirar-lhe o papel da mão, ela dobrou-o cuidadosamente com os seus dedos vermelhos, fez um quadrado pequenino e enfiou-o no seio, entre a camisa e as barbas de baleia do espartilho. Depois entregou ao artista uma nota de cinco libras da Revolução, deu as boas-tardes e saiu rápida, de pernas arqueadas.

III

Na tarde desse mesmo dia, Evaristo foi a casa do cidadão João Blaise, negociante de estampas, que também vendia caixas e outros objectos de cartão na Rua Honoré, defronte do Oratório e perto da empresa de transportes. A loja chamava-se o Cupido Pintor e ficava no rés-do-chão de um prédio antigo. Entrava-se por um vão cuja abóbada ostentava no fecho uma carranca cornígera; no arco havia uma pintura a óleo que representava o *Siciliano ou o Cupido Pintor*, segundo a composição de Boucher: fora o pai de João Blaise que a colocara ali em 1770, e desde então revelava as injúrias do tempo. De cada lado da porta, outros vãos semelhantes, com uma cabeça de ninfa no fecho; guarneciam-nos vidraças das maiores que se podiam então encontrar e, dentro, viam-se estampas em voga e as últimas novidades da gravura a cores. Nesse dia, estavam lá cenas galantes tratadas com uma graça um tanto seca, da autoria de Boilly: *Lições de Amor Conjugal* e *Suave Resistência*, o que escandalizava os Jacobinos e levava os puros a queixarem-se à Sociedade das Artes; o *Passeio Público*, de Debucourt, com um janota de calções amarelos refastelado em três cadeiras; cavalos do moço Carle Vernet; aeróstatos; o *Banho de Virgínia* e figuras imitadas do antigo.

Dos cidadãos que desfilavam defronte da loja, eram os mais andrajosos que ficavam maior quantidade de tempo a olhar para o mostruário, desejosos de se distraírem, ávidos de imagens e

de gozar o seu quinhão dos bens do mundo, pelo menos com a vista. Admiravam boquiabertos, ao passo que os aristocratas lançavam uma olhadela rápida, franziam a testa e passavam.

Ainda de longe, Evaristo pôs-se a mirar uma das janelas que se abriam sobre o estabelecimento, a da esquerda, onde havia uma vaso de cravos vermelhos atrás da varanda de ferro. Essa janela era a do quarto de Elódia, filha de João Blaise. O negociante de estampas vivia, com a sua única descendente, no primeiro andar da casa.

Evaristo, tendo parado um momento diante do Cupido Pintor, como para tomar fôlego, deu então volta ao fecho. Aí encontrou a cidadã Elódia, que acabava de vender gravuras, duas composições de Fragonard Júnior e de Naigeon, cuidadosamente escolhidas entre muitas outras; antes de guardar na caixa o papel-moeda recebido, passava-o diante dos olhos, de encontro à luz, para examinar as marcas de água. Estava inquieta, porque circulava tanto dinheiro falso como verdadeiro, o que trazia grandes danos ao comércio. Como os que antigamente contrafaziam a assinatura régia, também os falsários de agora eram castigados com pena de morte; todavia, encontravam-se chapas de notas em todos os subterrâneos, os Suíços introduziam papel-moeda falso em doses colossais, nos albergues lançavam-no aos pacotes, e os Ingleses desembarcavam-no diariamente nas nossas praias para desacreditar a República e reduzir os patriotas à miséria. Elódia receava aceitar aquele dinheiro e temia ainda mais que a considerassem cúmplice de Pitt, mas confiava na sorte e esperava sempre ser bem sucedida.

Contemplou-a Evaristo com aquele ar sombrio que, mais do que todos os sorrisos, exprime o amor. Ela olhou-o com um trejeito levemente irónico, sinal de que se sabia amada e de que não estava ofendida por isso, e também por considerar que essa atitude irrita os amorosos, os leva a queixarem-se e os induz à

declaração formal, caso ainda o não tenham feito – e era esta a situação de Evaristo.

Depois de guardar as notas na caixa, Elódia tirou do cesto da costura uma charpa branca que principiara a bordar e remeteu-se ao trabalho. Era laboriosa e garrida e como, por instinto, manejava a agulha simultaneamente para agradar e por utilidade, ostumava bordar de maneiras diferentes, consoante os que a estavam a ver: com indolência perante aqueles a quem desejava comunicar uma languidez suave; de modo caprichoso, diante desses que ela gostava de desesperar um pouco. Quando junto de Evaristo, como pretendia despertar-lhe sentimentos sérios, bordava com a maior aplicação.

Elódia não era nem muito nova nem muito bonita. À primeira vista, poder-se-ia achá-la feia. Morena, de tez esverdinhada, usava um enorme lenço branco atado negligentemente em volta da cabeça, donde se escapavam farripas de cabelo. Os olhos escuros ardiam-lhe nas órbitas. Naquela cara redonda, risonha, de maçãs salientes e nariz um pouco achatado, com ar agreste e voluptuoso, o pintor reconhecia a cabeça do fauno Borghese, cuja divina malícia ele tanto admirava. Nos lábios, um buço fino acentuava-lhes a ardência. Os seios, que pareciam entumescidos de ternura, soerguiam o lenço cruzado nas pontas, à moda daquele ano. A cintura delgada, as pernas ágeis, o corpo robusto, tudo se movia com deliciosa graça selvática; o olhar, a respiração, o tremor da carne dir-se-iam exigir e prometer amor. Atrás do balcão de lojista, ela dava a ideia de uma deusa coreográfica, de uma bacante de Ópera, despojada da pele de lince, da sua haste ornada de hera e pâmpanos, das grinaldas de folhagem: contida, dissimulada por encantamento no invólucro modesto de uma burguesa de Chardin.

– Meu pai não está em casa – participou a rapariga ao pintor.
– Espere um pouco. Ele não há-de tardar.

As mãozinhas trigueiras movimentavam a agulha através da cambraia.

– Agrada-lhe este desenho, senhor Gamelin?

O interpelado era incapaz de fingir. E o amor, inflamando-lhe a coragem, exaltava a sua franqueza.

– Borda com habilidade, cidadã; mas, se quer que lhe diga, o desenho que lhe arranjaram não é bastante simples, ressentese do gosto afectado que reinou tantos anos em França na arte de decorar os tecidos, os móveis, o forro do tecto ou das paredes. Esses nós, essas grinaldas lembram o estilo miúdo e mesquinho que foi o preferido no tempo do tirano. O gosto renasce agora. Mas isso vinha de longe... Já na época do infame Luís XV a moda tinha algo de chinesice. Faziam-se cómodas de barriga, com puxadores de aspecto ridículo: boas, enfim, para acender fogueiras e com elas aquecer os patriotas. Só é bela a simplicidade. Urge regressar ao antigo. David desenha leitos e poltronas segundo os vasos etruscos e as pinturas de Herculano.

– Vi essas camas e essas poltronas! – exclamou Elódia. – São bonitas. Qualquer dia não queremos outras. Como o senhor, eu adoro a antiguidade.

– Pois bem, cidadã – retorquiu Evaristo –, se tivesse ornamentado essa charpa com uma grega, ou folhas de hera, ou serpentes e setas entrecruzadas, ela seria digna de uma espartana... e de si. Pode, no entanto, aproveitar o modelo, simplificando-o, dando-lhe linhas mais rectas...

Elódia quis saber o que devia tirar e o rapaz curvou-se por cima do tecido, de forma que o rosto aflorou as madeixas da bordadora. As mãos de ambos encontraram-se sobre a cambraia e a respiração deles confundiu-se. Nesse momento, Evaristo experimentou uma alegria infinita; mas, sentindo perto da boca a boca de Elódia, receou ter ofendido a rapariga e afastou-se bruscamente.

A cidadã Blaise amava Evaristo Gamelin. Achava-o magnífico com os seus olhos grandes e ardentes, o belo rosto oval, a palidez, os cabelos pretos abundantes apartados na testa e caídos sobre os ombros, o porte grave, o ar frio, os modos severos, a linguagem firme, isenta de lisonja. E, como o amava, atribuía-lhe um génio de artista soberbo, que um dia tornaria, com a revelação de obras-primas, o seu nome célebre — e isso aumentava mais o amor. A cidadã Blaise não tinha culto pelo pudor viril, a moral que professava não se ofendia com o facto de um homem ceder às suas paixões, gostos e desejos; amava Evaristo, que era casto, não precisamente por isto, mas, em todo o caso, achava a circunstância vantajosa: evitava-lhe ter ciúmes, desobrigava-a de temer rivais.

Todavia, naquela ocasião, considerou-o reservado em excesso. Se a Arícia de Racine, que amava Hípólito, admirava a virtude bravia do moço herói, era com a esperança de triunfar dela; mas em breve lastimaria uma severidade de costumes que ele não atenuou em sua intenção. Logo que Elódia encontrara pretexto, dera a entender os seus sentimentos, para o forçar a declarar-se por seu turno; a exemplo dessa meiga Arícia, a cidadã Blaise acreditava que, em amor, a mulher pode tomar a iniciativa. «Os mais apaixonados», dizia, «são os mais tímidos: necessitam de ajuda e estímulo. É tal a sua candura que as mulheres andariam metade do caminho ou ainda mais sem que eles percebessem, poupando-lhes as aparências dum ataque audacioso e a glória da conquista.» O que a tranquilizava quanto ao desfecho da intriga era o saber com certeza que Evaristo, antes que a Revolução o heroificasse, amara muito humanamente uma mulher, criatura humilde, a porteira da Academia.

Elódia, que não era ingénua, concebia diferentes espécies de amor. O sentimento que lhe inspirava Evaristo tinha raízes suficientemente fundas para ela comprometer nisso a sua vida.

Estava, pois, disposta a casar com ele, mas calculava que o pai discordasse daquela união da sua filha única com um artista obscuro e pobre. Gamelin não possuía nada, ao passo que o negociante de estampas movimentava grandes cabedais. O Cupido Pintor rendia-lhe bastante, a usura ainda mais, e, além disso, associara-se a um fornecedor que mandava para a cavalaria da República molhos de junco e aveia molhada. Em suma, o filho do cutileiro da Rua de Saint-Dominique era fraca personagem ao lado do editor de estampas conhecido em toda a Europa, aparentado com os Blazots, Basans, Didots e visita de cidadãos como Saint-Pierre e Florian. Não seria, porém, Elódia menina tão obediente que precisasse do consentimento paterno. Blaise, há muito tempo viúvo, pessoa ávida e leviana, conquistador de mulheres e empresário de negócios, nunca se ocupara da filha, deixara-a crescer livremente, sem conselhos, sem amizade, menos interessado em vigiá-la do que em desconhecer o comportamento dessa rapariga de quem ele compreendia o temperamento feroso e os meios de sedução, mais poderosos do que um rosto bonito. Generosa em excesso para se coibir, muito inteligente para se perder, sensata nas suas loucuras, Elódia não esquecera as conveniências sociais, apesar das suas propensões para o amor. O pai mostrava-se grato por tamanha prudência, e, como ela herdara do seu progenitor o sentido do comércio e o gosto dos empreendimentos, Blaise não se preocupava com as razões misteriosas que desviavam do casamento uma filha tão núbil e a retinham no lar, onde Elódia valia por uma aia e quatro caixeiros. Aos vinte e sete anos, sentia-se com idade e experiência para governar a sua vida, sem nenhuma necessidade de pedir conselhos nem de acatar a vontade de um pai ainda novo, leviano e distraído. Mas, para desposar Gamelin, seria preciso que João Blaise auxiliasse esse genro pobre, o interessasse no estabelecimento, lhe garantisse trabalho, como fazia a outros artistas:

enfim, que de qualquer modo lhe proporcionasse recursos. E isto afigurava-se-lhe improvável, pois nem um seria capaz de oferecer nem o outro de aceitar, tal era a antipatia existente entre os dois homens.

Semelhante dificuldade embaraçava a terna e prudente Elódia, que já admitia sem medo a ideia de se unir ao seu amigo por laços secretos e de tomar o Criador por única testemunha da sua fé recíproca. A filosofia que professava não reconhecia por condenável tal união, que se tornava possível graças à independência com que a rapariga vivia e à qual o carácter honesto e virtuoso de Evaristo dava força tranquilizadora. Mas Gamelin tinha dificuldade em se manter e sustentar a mãe idosa: não parecia que pudesse haver nessa existência tão apertada lugar para um amor reduzido à simplicidade da natureza. Aliás, Evaristo ainda não revelara os seus sentimentos nem comunicara as intenções que o animavam. A cidadã Blaise esperava obrigá-lo em breve a explicar-se.

Retendo ao mesmo tempo essas meditações e a agulha, declarou:

– Cidadão Evaristo, esta charpa também não me agrada. Peça-lhe que desenhe um modelo novo. Entretanto desfarei, como Penélope, o que fiz na sua ausência.

Ao que Evaristo respondeu com torvo entusiasmo:

– Comprometo-me a desenhá-lo, cidadã. Será o gládio de Harmódio: uma espada dentro de um festão de flores.

E, tirando o lápis, esboçou espadas e flores no estilo severo e nu que tanto apreciava. Simultâneamente, expunha as suas doutrinas:

– Os franceses regenerados não-de repudiar o que a servidão lhes legou: o mau gosto, a má forma, o desenho mau. Watteau, Boucher, Fragonard trabalhavam para tiranos e escravos. Nas suas obras não há nenhum sentimento de bom estilo nem de linha

pura; em parte nenhuma se vê natureza ou verdade. Máscaras, bonecas, trapos, macaquices. A posteridade desprezará semelhantes frivolidades. Dentro de cem anos terão desaparecido os quadros de Watteau, abandonados nos sótãos. Em 1893 os estudantes de pintura servir-se-ão das telas de Boucher para sobre elas pintar outra coisa. David abriu o caminho que reconduz à antiguidade; mas não é ainda suficientemente simples, grande, nu. Os nossos artistas hão-de aprender muito nos frisos de Herculano, nos baixos-relevos romanos, nos vasos etruscos.

Falou muito tempo da beleza antiga. Depois voltou a Fragonard, a quem perseguiu com ódio feroz.

– Conhece-o, cidadã?

Elódia fez sinal de que sim.

– Há-de conhecer também esse pateta do Greuze, bastante ridículo com a sua casaca encarnada e o espadim; mas, ao lado de Fragonard, faz figura de um sábio da Grécia. Encontrei há tempos esse velho miserável, nas arcadas do Palais-Egalité, com os seus passinhos miúdos, empoado, galante, inquieto, licencioso, detestável. Ao vê-lo, desejei que, à falta de um Apolo, qualquer vigoroso amigo das artes o enforcasse numa árvore e o esquartejasse como Marsias, para exemplo eterno dos maus pintores.

Elódia fixou nele o olhar alegre e voluptuoso.

– Você sabe odiar, senhor Gamelin. Deve-se crer que também sabe a...

– É o Gamelin? – gritou uma voz de tenor, a do cidadão Blaise, que voltava à loja, com as suas botas rangentes, berloques tilintantes, abas da casaca ao vento e enorme chapéu preto de pontas salientes e curvas a descerem-lhe para os ombros.

Elódia, agarrando o cesto de costura, subiu para o quarto.

– Ora então, Gamelin, traz-me alguma coisa de novo?

– Talvez – redarguiu o pintor.

E expôs a sua ideia:

O cidadão Evaristo Gamelin é um jovem artista, fervoroso apoiante da Revolução e dos seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Quando a euforia e o optimismo inicial das ruas são substituídos pelos anos sombrios do Terror, as recém-eleitas autoridades vêem em Gamelin o candidato ideal para desempenhar o cargo de jurado do Tribunal Revolucionário. Sedento de justiça e munido do poder de enviar para a guilhotina qualquer suspeito, Gamelin em breve se torna uma personagem admirada e temida. Nem o amor de Elódia, animado primeiro pelas suas virtudes, depois pela sua violência, será capaz de impedir que Gamelin seja vítima da própria História.

Obra-prima da literatura francesa, *Os Deuses Têm Sede* é considerado um dos mais belos romances históricos sobre o período da Revolução Francesa.

«Um gigante das letras que confronta um mundo perplexo.»
The New York Times

ISBN 978-989-623-276-4
9 789896 232764



cavalo de ferro